

Entrevista: Charles Kiefer

Ana Marcia A. Siqueira¹²⁸

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Sayuri Grigório Matsuoka¹²⁹

Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Michel Miron de Melo¹³⁰

Camile Holanda Queiroz¹³¹

Natelli Lopes Almeida¹³²

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Página |
319

Charles Kiefer tem uma vasta experiência no campo literário, escritor consagrado com três **Prêmios Jabuti** (1985, com a novela *O Pêndulo do Relógio*; 1993, com o livro de contos *Um Outro Olhar*; 1996, com *Antologia Pessoal*), além de outras premiações, publicou mais de 30 livros no Brasil, na França e em Portugal. Esse prolífero número de títulos está materializado em romances, contos, novela, poesia, crítica e tradução. Sua obra também foi adaptada para o cinema, pelo diretor Paulo Nascimento: *O chapéu* (1996), *Dedos de pianista* (1997) e *Valsa para Bruno Stein* (2007); e para o teatro: *Escorpião da sexta-feira* (2006) e *Quem faz gemer a terra* (2002). Habitado ao ofício, o escritor gaúcho foi professor de Teoria da Literatura e Escrita criativa na Faculdade de Letras (Graduação e Pós-Graduação) da PUCRS, onde atuou como coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisa Literatura e Kabbalah. Possui Graduação (1994), Mestrado (1996) e Doutorado (2003) em Teoria da Literatura. Recebeu, por sua tese, o Prêmio Mario de Andrade, concedido pela Biblioteca

¹²⁸ Doutorado em Literatura Portuguesa pela USP (2007). É professora Associada do Departamento de Literatura e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará e coordenadora do grupo Vertentes do Mal na Literatura.

¹²⁹ Doutora em Literatura Comparada. Professora bolsista da Especialização em Semiótica Aplicada à Literatura e Áreas afins da Universidade Estadual do Ceará.

¹³⁰ Graduado em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará (2017), possui especialização em Escrita Literária Pela UNIFB (2019). É um dos autores da coletânea *Todos os Tempos do Universo* (2019).

¹³¹ Bacharel em Turismo pela Universidade de Fortaleza (2003), Pós-Graduação em Arte e Educação pelo IFCE (2007) e Mestrado em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará (2016). Recentemente terminou Especialização em Escrita Literária na FBUi (2019).

¹³² Possui Graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (2014) e Especialização em Língua Inglesa pela Uniaméricas (2016). Atualmente é graduanda de Letras, Licenciatura em Inglês, pela Universidade Federal do Ceará.

Nacional ao melhor Livro de Ensaio publicado no Brasil em 2012. Atualmente dedica-se a ministrar oficinas literárias particulares, em que ensina as diferentes técnicas de composição ficcional.

A *Entrelaces*, por meio da professora Ana Marcia Siqueira, conversou com Kiefer sobre a experiência de traduzir Edgar Allan Poe em uma faceta teórica. A finalidade desta entrevista, realizada em 25 de junho de 2020, por e-mail, é compreender mais o processo de tradução efetivado pelo escritor e tradutor e contribuir para a divulgação da produção crítica de Edgar Allan Poe, especialmente de suas resenhas.

Entrevista:

AMS: Prezado Charles Kiefer, começo por agradecer por sua disposição em responder a essa entrevista que trata de um momento um tanto distante de sua trajetória, a tradução das Resenhas de Edgar Allan Poe sobre *Twice-told tales*, de Nathanael Hawthorne. As questões a seguir foram elaboradas em conjunto com Sayuri Matsuoka, Michel M. de Melo, Camile H. Queiroz e Natelli L. Almeida, membros do grupo de pesquisa Vertentes do mal na literatura por mim coordenado.

Creio que esta tradução está relacionada às pesquisas e estudos realizados para sua tese de doutorado “Uma poética do conto: a variante da modernidade ocidental” defendida em 2003. A tradução foi publicada no ano seguinte (2004). Tanto em sua tese, quanto em artigos posteriores você considera que Poe foi o primeiro a elaborar uma reflexão moderna sobre o conto. Este foi o estímulo para a publicação de sua tradução?

CK: Eu havia saído da Editora Mercado Aberto e tinha fechado um contrato com a Editora Leya, que estava começando as suas atividades no Brasil. Eu tinha publicado uma versão menor da obra pela editora anterior e aí resolvi publicar a tese completa com a Editora Leya, o que deve ser uma chatice para o leitor não-acadêmico. Esse foi o estímulo.

AMS: Quando publicou esta tradução, você já era um escritor premiado com mais de duas dezenas de livros. A tua vasta experiência como escritor o auxiliou no processo de tradução? Existe essa interlocução das duas habilidades?

CK: Sempre gostei muito de traduzir, especialmente do espanhol para o português. Chamava isso de trabalho de “entressafra”. Quando não tinha nada de ficção para fazer, fazia traduções. Um modo de continuar trabalhando com produção de texto.

Hoje traduzo textos de *Kabbalah*, que podem ser lidos em meu blog: <https://gannaul.blogspot.com.br/>

AMS: O trabalho do tradutor é fundamental para quem trabalha com literatura ou a aprecia e quer ler autores de diferentes nacionalidades, entretanto, no Brasil, parece que ainda há uma certa invisibilidade muito comum a essa atividade. Essa questão já pesou de forma negativa para você?

Página |
321

CK: Não sei se pesou ou pesa de forma negativa, mas eu sempre observo quem é o tradutor de um texto. Hoje, dou aulas de *kabbalah*, tenho centenas de alunos aqui no Sul, em outros estados e em vários outros países, como Portugal, Espanha, Alemanha, Itália. Com a pandemia, aumentei muito o número de alunos, pois dou aulas por Zoom. Chego a usar 11 ou 12 traduções diferentes de um mesmo texto, uma mesma passagem. É divertido e enriquecedor. Às vezes, depois de 11 ou 12 traduções diferentes, eu ainda encontro alguma outra possibilidade de tradução, já que os originais são em hebraico ou aramaico. O aramaico é uma língua extraordinariamente rica e poética.

AMS: Qual o seu ponto de vista sobre o papel do tradutor em relação à querela tradução como versão ou como transposição? É válida para você a consideração de que o tradutor acaba se tornando um co-autor da obra, visto que não há um consenso sobre isso?

CK: Para mim é pacífico. Não existe tradução. O que existe é transliteração. Quando alguém tenta uma tradução, produz sempre uma traição. No caso da transliteração, recebemos uma licença poética e nos tornamos coautores. Os tradutores deviam receber a metade dos direitos autorais. Se nem no idioma pátrio existem sinônimos, como podemos imaginar que existiriam termos “traduzíveis”?

AMAS: Qual a maior dificuldade em traduzir uma interpretação de uma obra tão antiga e reconhecida internacionalmente?

CK: Trazer para a língua-de-chegada o espírito e a força da língua-de-partida. Nisso se revela (ou não) o bom transliterador.

AMS: Em seus estudos, você afirma que Poe influenciou escritores de vários

países ainda no século XIX e também no século XX. O que seria esse caráter “universal e atemporal” nas obras de Poe que conseguem se comunicar com leitores e escritores de regiões, culturas e épocas tão distintas?

CK: Essa questão daria uma nova tese de doutorado, não me arrisco a responder em meia dúzia de linhas.

AMS: O que o leitor do século XXI tem a apreciar e/ou apreender de Poe? Quais seriam as características ou aspectos presentes nesta obra que ainda falam ao leitor contemporâneo?

CK: O mesmo que apreciamos e aprendemos com qualquer tipo de boa literatura: literatura como relicário de uma língua; literatura como prazer emocional; literatura como documento cultural de uma época já passada; literatura como estuário de civilização e cultura.

AMS: Em quais autores brasileiros você reconhece influência ou afinidade com a narrativa de Poe?

CK: Como demonstro no primeiro capítulo da tese, a influência de Poe, ele mesmo fruto da velocidade e da concorrência capitalista, é profunda e se manifesta em todo e qualquer contista brasileiro, já que Poe ajudou a configurar a própria forma do conto moderno. Se alguém escreve um conto, é influenciado por Poe, mesmo que nunca o tenha lido. Autores-fundantes, como Poe, têm essa característica. São como os mitos-fundantes, ninguém escapa deles.

AMS: A unidade de efeito ou de impressão defendida por Poe, bem como a superioridade do conto sobre o romance, ganham novo fôlego nos dias de hoje, em que redes sociais parecem moldar, senão impor, tempos de leitura cada vez menores?

CK: Escrevi um texto sobre isso muito tempo antes de acontecer, antes do aparecimento da Internet. Está publicado em algum lugar por aí. Acho que se chamou “O futuro do livro” ou “Nova forma”. Sei lá. Pessoalmente, não concordo com a ideia de superioridade de uma forma sobre a outra. Como eu dizia aos meus alunos de Escrita

Criativa, na PUC: Literatura não é corrida de cavalos. Cada escritor é único. Cada forma é única. O que nos faz gostar mais deste ou daquele é a “semelhança de forma” que compartilhamos com determinado autor. Virgínia Woolf achava o James Joyce intragável. Eu acho os dois intragáveis. E todo leitor tem o direito de me achar intragável.

AMS: O romance estaria para o chamado “textão” - textos longos postados no Facebook (pouco lidos e criticados por essa geração digital) - assim como o conto estaria para os 140 ou 280 caracteres impostos pelo Twitter? É possível fazer esse paralelo entre o conto como texto ideal para efetivação da “unidade de efeito” e o texto curtíssimo preferido nas redes sociais?

CK: A questão não é de veículo, mas de estrutura de texto. Um conto com bom *mythós* será bom em livro ou na internet. O que há é uma forma diferente de se ler no texto impresso ou na tela. Também já escrevi, teoricamente, sobre isso, e está em algum lugar. No livro, a gente vira as páginas. Na internet, a gente rola o cursor e lê para baixo. Isso altera as sinapses que formamos durante a leitura, altera a nossa percepção, fruição e etc. Um dia, no futuro, vão estudar os efeitos dessa questão na humanidade. Não digo que seja bom ou ruim. É diferente. E esses leitores serão seres humanos diferentes. Todos os conflitos nascem do fato de que não aceitamos (e por isso não entendemos) o que é diferente. O diferente nos assusta. Quando devia ser o contrário, devíamos admirar aquilo que não somos nós. Nunca exigi que meus alunos e alunas de Universidade fossem “leitores de livros”. Bem, mas isso já é outro assunto e não estava na pergunta.